

O engenhoso pioneiro da tipografia da Província do Grão-Pará - João Francisco Madureira

The ingenious pioneer of typography in the Grao-Pará Province - João Francisco Madureira

Fernanda de O. Martins, Edna Cunha Lima, Guilherme Cunha Lima

Design. História do Design. História da Tipografia. Pará

O objetivo deste artigo é apresentar novas informações sobre o papel de João Francisco Madureira na história da tipografia no Pará. Madureira dedicou-se a construir uma tipografia nos primeiros anos da década de 1820. O paraense montou a prensa, fundiu tipos e imprimiu impressos avulsos antes da chegada da tipografia comprada em Lisboa, tradicionalmente considerada a primeira da Província. Foi realizada revisão bibliográfica e pesquisa documental em documentos primários que comprovam o resultado obtido pelo tipógrafo e seu pioneirismo, a partir de documento encontrado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Este artigo questiona as informações tradicionalmente apresentadas por autores da área a respeito das tipografias que operaram no Brasil e amplia o entendimento sobre a introdução da tipografia nas províncias coloniais brasileiras.

Design, History of Design, History of Typography, Pará

This paper aims to present new information about the role of João Francisco Madureira in Pará's history of typography. Madureira dedicated himself to building a typography workshop in the early 1820s. The Paraense assembled the press, cast types and printed commercial ephemera, before the arrival of typography bought in Lisbon, traditionally considered the first of the Province. It was carried out through a bibliographical review and documentary research in primary documents that prove the result obtained by the typographer and its pioneerism, based on a document found in the Brazilian Historical and Geographical Institute. This article questions the information traditionally presented by authors of the area regarding the typographies that operated in Brazil and extends the understanding on the introduction of typography in the Brazilian colonial provinces.

1 Introdução

A permissão para a impressão no Brasil ocorreu somente após a vinda da família real portuguesa, em 1808, com a instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro. A partir daí inicia-se o processo de instalação de tipografias privadas em diversos pontos do país, principalmente após 1820, com o fim da censura prévia no período que antecede a independência do Brasil. Segundo Rizzini (1945:322), as tipografias que operaram no país antes da Independência foram: a de Manoel Antônio da Silva Serva, na Bahia, em 1811; em 1815 no Recife, a de Ricardo Rodrigues Castanho, que só funcionou em 1817; em 1821 a instalada no Maranhão pelo Governador Bernardo Silveira e, no mesmo ano, a montada por Daniel Garção de Melo em Belém do Pará; e duas em Vila Rica, a Patrícia e a Provincial (Rizzini, 1945, p.322). Portanto, pela ordem, a Província do Grão-Pará teria sido a quinta tipografia particular do Brasil.

Este artigo apresenta a tipografia de João Francisco Madureira como a primeira tipografia a operar no Pará, em maio de 1821, antes mesmo que a tipografia que operou no Maranhão, importada de Lisboa. É um fato importante pois Madureira não apenas imprimiu, mas construiu sua tipografia sem conhecimentos prévios e fundiu os tipos necessários para dar conta de seus objetivos.

Mesmo levando em consideração a afirmação de Rizzini (1945), posteriormente reproduzida por diversos autores, acreditamos que esta se baseia no fato da oficina de Daniel Garção ter impresso, em 1821, o primeiro jornal da província, *O Paraense*, cujo editor era Felipe Patroni.

Este periódico pode ser facilmente encontrado nos acervos das bibliotecas, prestando-se, portanto, como documento fundador.

Acreditamos que seja esta a razão pela qual os historiadores contemporâneos tenham dedicado à iniciativa de Madureira apenas pequenos parágrafos, em contraponto a Antônio Baena (1838), cronista contemporâneo do tipógrafo, que considerou a presença de uma tipografia na Província tão importante a ponto de incluí-la em sua obra, que trata de narrativa histórica sobre os momentos significativos que ocorreram no Pará entre 1615 e 1823.

2 O marco fundador da tipografia no Pará

A primeira tentativa de utilizar a tipografia no Pará, conforme citado anteriormente, se deu através de João Francisco Madureira que, em 1821, sem treino ou conhecimento prático, apresentou à Junta Provisória, um despacho impresso em sua oficina, requerendo licença para poder entrar no livre exercício da tipografia.

João Francisco de Madureira (que mais tarde juntou ao sobrenome o apelido Pará, forma, portanto, que aparece nas referências) nasceu em 12 de outubro de 1797 na Vila do Acará, no Pará. Abandonado pelos pais, foi criado por uma senhora que o adotou. Em 1818, obteve do Governador do Estado, Conde de Vila Flor, o emprego de amanuense da Contadoria da Junta da Fazenda. Também foi amanuense da Igreja da Sé. Era um homem inventivo, além da tipografia, obteve de D. Pedro incentivo e material para construir uma engenhoca marítima, ao que tudo indica, sem sucesso.

Para cuidar da execução da tipografia pediu à Junta do Governo que o dispensasse do serviço; sendo essa licença concedida, aplicou-se, segundo ele, a abrir punções, a moldar os caracteres, a fundir os tipos e a dirigir os trabalhos de máquina, pondo-a em estado de poder trabalhar. No dia 28 de maio de 1821 apresentou à Junta do Governo um requerimento impresso na sua tipografia, no qual mostrava ao Governo que esta já podia trabalhar, requerendo a competente licença para poder entrar no livre exercício da oficina. Foi muito bem recebido pelo presidente e demais membros da Junta, que lhe fizeram elogios, e chegou a imprimir papéis avulsos do expediente do governo. Segundo o próprio:

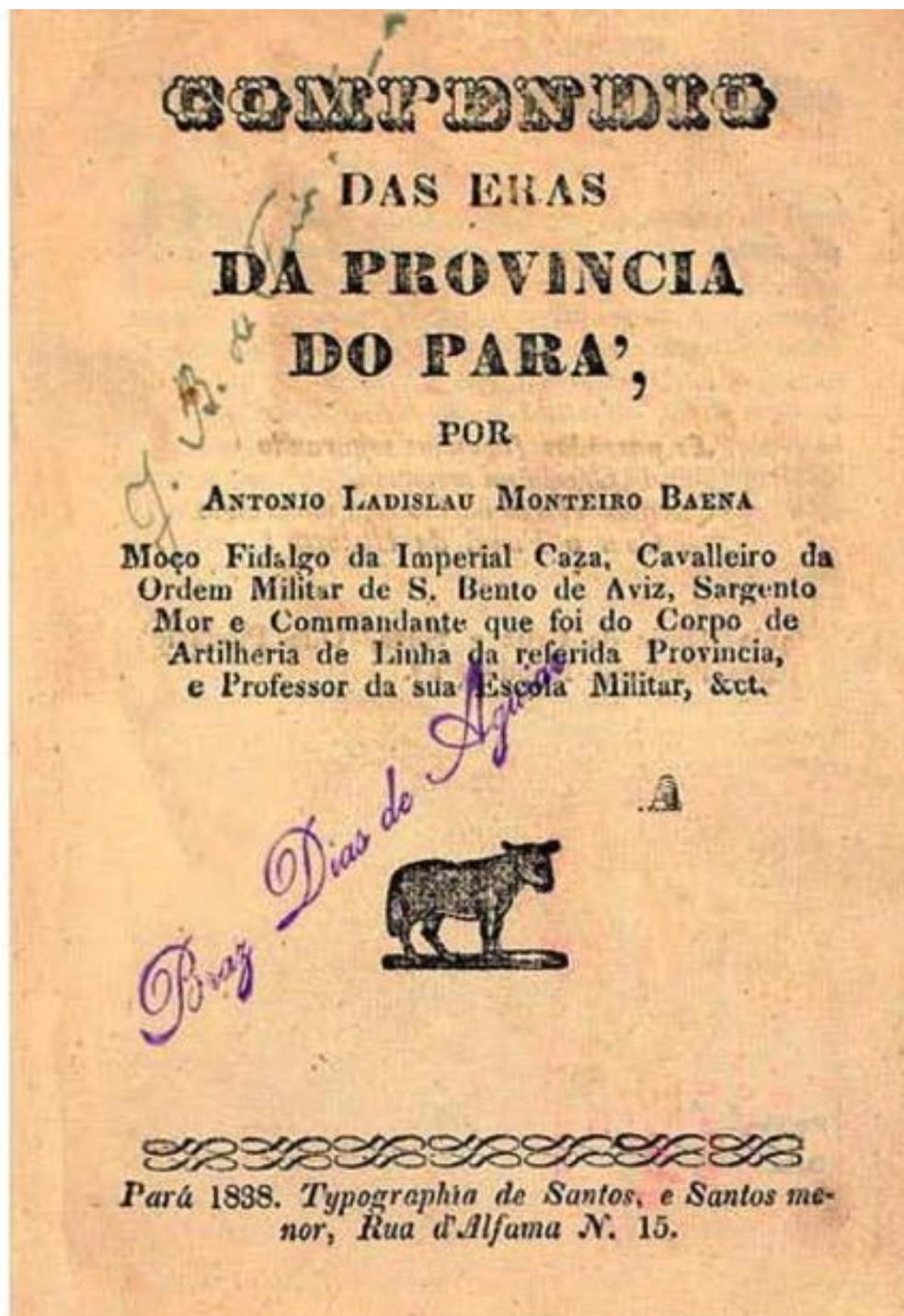
(...) Eu mesmo abri punções, moldei os caracteres, fundi os Typos, e dirigi os trabalhos da Maquina, e ultimamente organizei a Imprensa pondo-a em estado de poder trabalhar. (...) Alguns papeis gratuitos para o expediente da Secretaria do mesmo Governo; e offerecer para mais de mil Impressos aos meus Compatriotas que deraõ me testemunhos, de estima e amisade, e avaliando as minhas circunstancias de que tinham cabal conhecimento, e sem se exemirem prestaraõ-se a concorrência de huma espontanea Subscrição, com a qual pude reçar o que devia..." (Madureira, 1822:73-74)

Como sua licença não foi publicada, em setembro do mesmo ano apresenta novo requerimento onde pede o afastamento de suas funções de amanuense. Segue para Lisboa em 1822 para solicitar a licença ao Rei e instruir-se na arte da impressão.

O militar e historiador Baena, confirma em sua publicação de 1838, *Compêndio das Eras da Província do Pará* (Figura 1) que, em 28 de maio de 1821, João Francisco Madureira Pará apresentou requerimento impresso à Junta do Governo, nos termos a seguir:

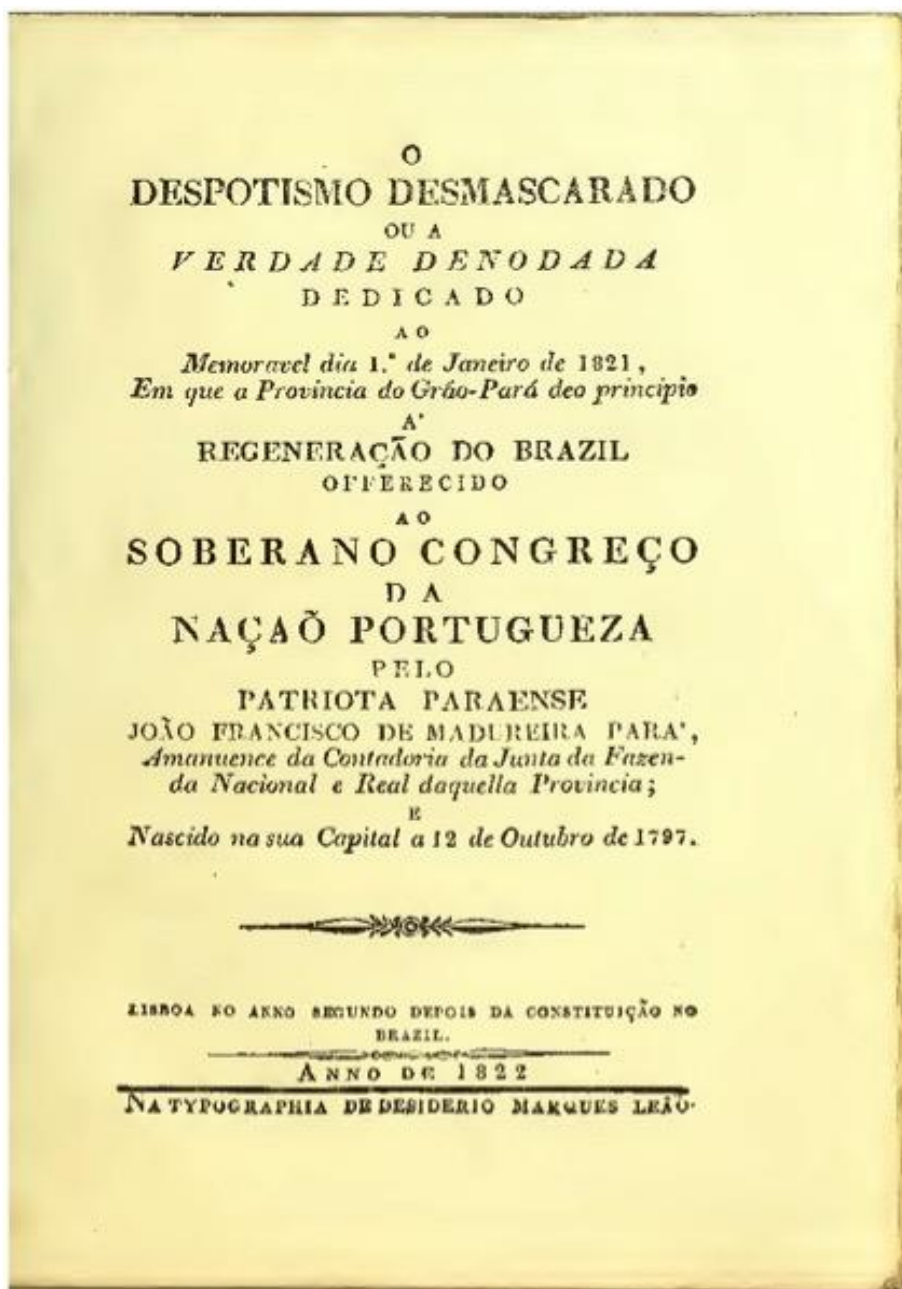
Apresenta Joaõ Francisco de Madureira Pará, natural do mesmo paiz e Amanuense da Contadoria de Junta da Fazenda, à Junta provisoria do Governo um requerimento impresso em um prelo que elle mesmo organisou, abrindo os ponçoens moldando os caracteres alfabeticos, fundindo os typos e dirigindo o trabalho, só pelo estudo de algumas estampas estrangeiras, e não por ter visto este genero de maquina, nem por ter noçoens praticas da arte de imprimir isto he da arte de tirar facilmente numerosas copias dos discursos escriptos. No ditos requerimento expressou que não obstante a falta de proteção e de necessários conhecimentos tentara formar um prelo para suprir a carencia que delle tinha a sua patria: e que tendo a obra quase acabada a collocava sob o favor da Junta Provisória, e pedia que não só lhe concedesse licença para entrar no destinado lavor mais ainda que galardoasse a sua empresa se por ventura ella disso for merecedora. Ja antes deste requerimento elle havia supplicado a mesma junta subsidio em que se estribasse a despesa de seu ensaio Typografico: e obtendo meios que não podiao emparelhar com os gastos recorreo ao negociante Francisco José Gomes Pinto, que vio a Imprensa e ministrou-lhe logo cento e vinte mil reis. Depois conseguiu uma subscrção de cento e dezoito pessoas, que composeraõ a quantia de sete centos e oitenta mil duzentos e sessenta reis. (BAENA. 1838, p.526)

Figura 1 – Livro Compendio das Eras do Pará de Antonio Baena, página de rosto – impresso na tipografia de Santos e Santos, 1838 (Coleção João Meirelles Filho)



Este fato é reafirmado pelo próprio Madureira no folheto impresso *O despotismo desmascarado ou a verdade denodada dedicado ao memoravel dia 1.º de janeiro de 1821, em que a provincia do Grão-Pará deo principio á regeneração do Brazil offerecido ao soberano congreço da nação portugueza pelo patriota paraense João Francisco de Madureira Pará, amanuence da contadoria da junta da fazenda nacional e real daquela provincia; e nascido na sua capital a 12 de outubro de 1797* publicado em 1822 na Typografia de Desiderio Marques Leão, em Lisboa. (Figura 2)

Figura 2 – O Despotismo desmascarado, 1822 de João Francisco Madureira, impresso em Lisboa (Fonte: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:576116/PDF/?embed=true>)



O autor foi à Corte apelar a D. João VI o apoio financeiro para a sua oficina. Importante notar que Madureira afirmava que já havia requerido financiamento anteriormente ao Governo da Província, e que este não fora suficiente. Obteve, entretanto, a subscrição de um comerciante para finalizar sua empreitada e apresentar o tal requerimento impresso. No mesmo folhetim nos conta também que, após apresentar-se à Junta, chegou a imprimir documentos oficiais e ainda “uns mil impressos”. Afirma ainda que solicitou da Junta do governo auxílio de três carpinteiros, e dois ourives, e também a autorização para fazer uma peça de aço “no Trem”. Cita também que foi prontamente atendido, e que pagou pessoalmente pelos serviços, o que indica que estava ciente da complexidade de tal obra. Madureira nunca havia saído do Pará e desenvolveu sua tipografia, conforme afirma, “através de observação e estudo de algumas estampas que poderão chegar ao meu conhecimento. (...) Instruir-me no mais fácil mecanismo, e preceitos geométricos, que sejam anexos a huma Typographia, para assim poder com exactidão continuar no progresso da mesma.” (Madureira, 1822:73).

Madureira exerceu o ofício da impressão com tipos móveis por pouco tempo e de forma precária e, provavelmente, logo percebeu que necessitava de maiores conhecimentos técnicos, de projeto e de composição, o que ele chama de “mecanismo” e “preceitos geométricos”. Partiu para Lisboa e não se sabe mais sobre a tipografia. Segue inventor e, em 1832, inventa uma máquina de navegação e obtém verbas do imperador para construí-la.

O funcionamento da tipografia de Madureira é narrado por historiadores paraenses como Antonio Baena (1838) e Domingos Rayol (1865), Manuel Barata (1908) e recontado por diversos historiadores como Rizzini (1945:325) Sodré (1966:36), Hallewell (2005:129,192) e, mais recentemente, Molina (2015:337) sem, no entanto, ser considerado como marco fundador da história da impressão no Pará.

Provavelmente por ter impresso apenas documentos efêmeros, torna-se mais difícil a comprovação de seu pioneirismo através de referências materiais. Encontramos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro IHGB um exemplar do requerimento apresentado por Madureira, comprovando sua existência e seu pioneirismo.

3 A tipografia de Madureira

A impressão tipográfica em nosso território só foi autorizada em 1808 e ocorreu a partir de equipamentos e profissionais importados de Lisboa. Quando permitido o acesso às tecnologias de impressão, sua implantação passa a acontecer em ritmo intenso – primeiro na Corte do Rio de Janeiro, e em seguida em Salvador com Silva Serva. Em uma década as tipografias assumem um papel importante no cenário social e político da Colônia.

A oficina gráfica cumpriu uma função significativa, embora esquecida, ao combinar atividades intelectuais e comerciais, que se reforçavam mutuamente e desse modo criavam um impulso particularmente poderoso, quase irresistível. (EISENSTEIN, 1998:84)

Uma oficina tipográfica no Brasil do início do século XIX teria a sua disposição uma prensa de madeira e caixotins com uma coleção de tipos para textos em diversos tamanhos, incluindo os maiores para títulos, emblemas, linhas para a composição, e demais ferramentas necessárias para a função. As tarefas principais envolvidas em uma oficina deste gênero são a composição, a revisão, a paginação, a impressão e o acabamento. Muitas delas poderiam ser, e no princípio eram, executadas pelo mesmo profissional, contando com a colaboração de ajudantes.

Enquanto o material para impressão como tipos, linhas, enfeites precisava ser importado, prelos de madeira eram passíveis de serem construídos localmente, pois existia acesso ao conhecimento necessário para tanto em publicações antigas. Já a fundição de tipos, mais complexa, exigia conhecimento técnico e habilidades maiores, mais difíceis de se alcançar a partir de estampas antigas como, os exemplos abaixo, de *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*.

Figura 3 – Prensa de impressão tipográfica (fonte: *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*).

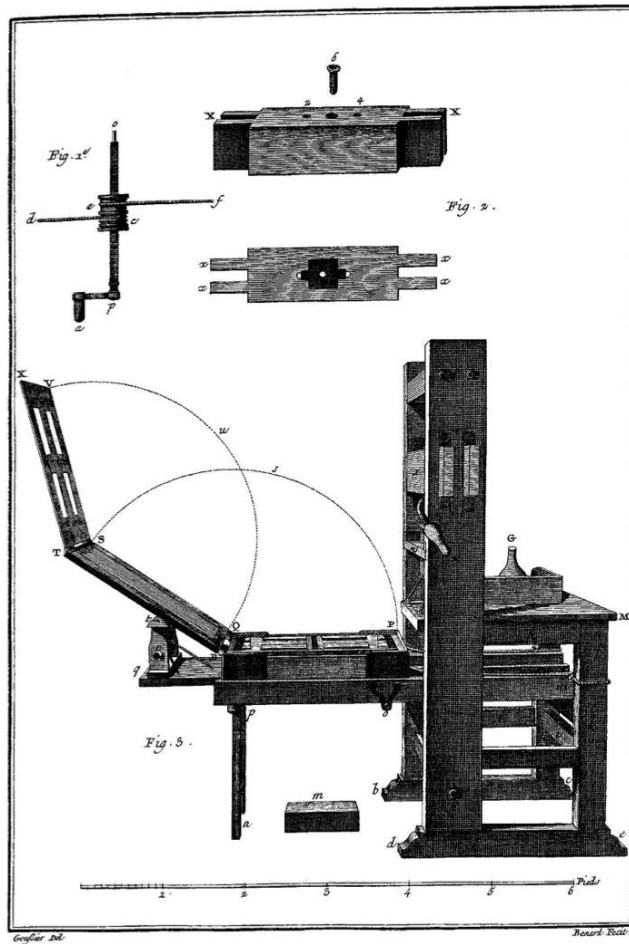


Figura 4 – Oficina tipográfica (fonte: *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*).

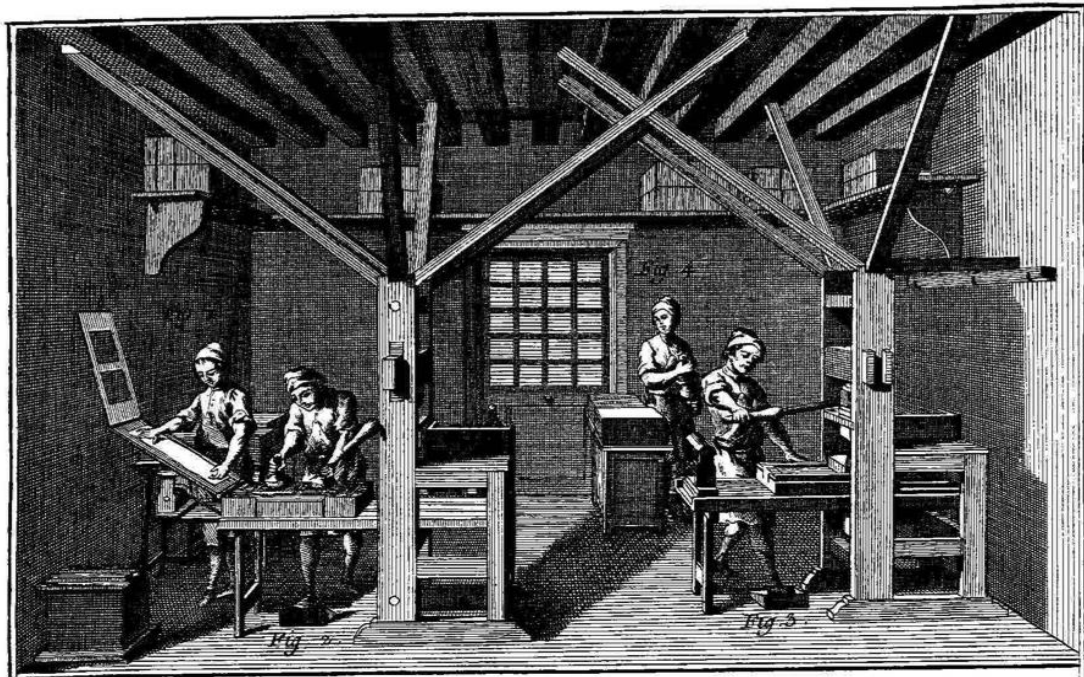
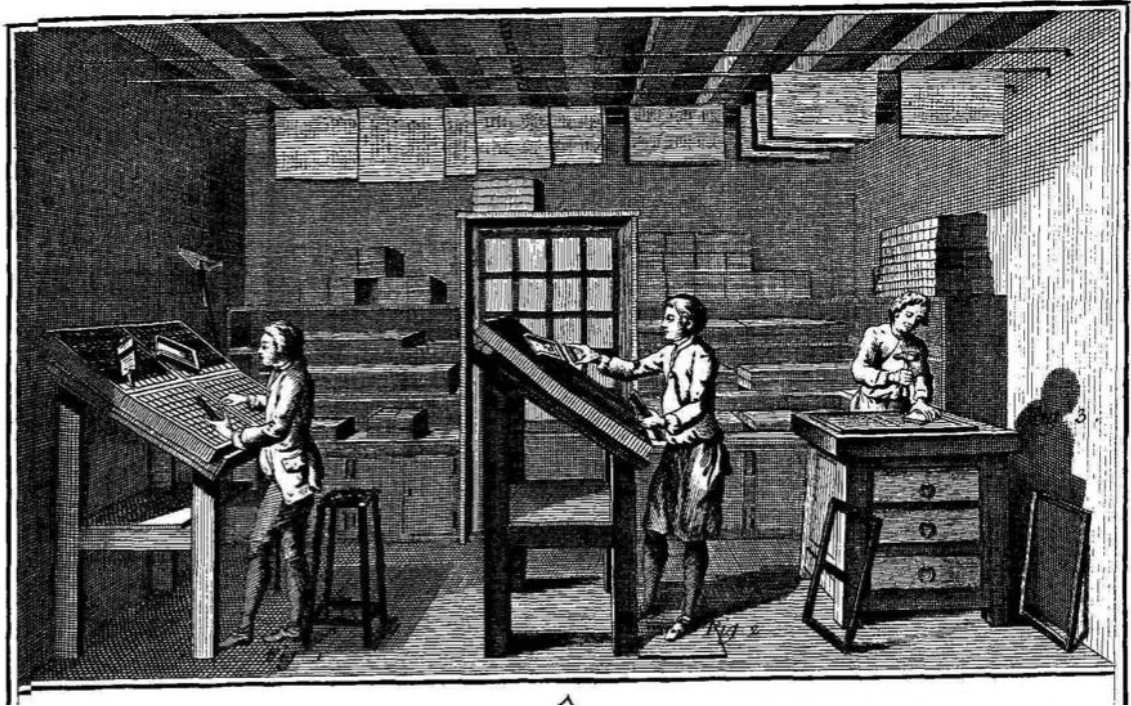
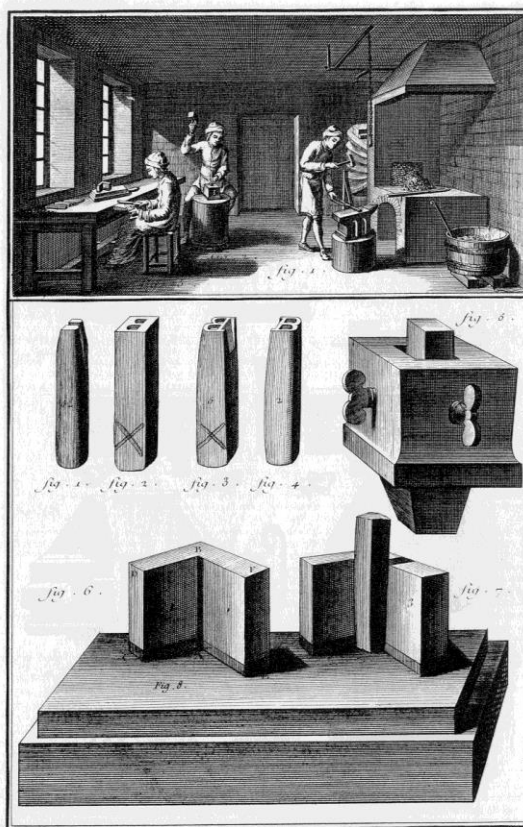
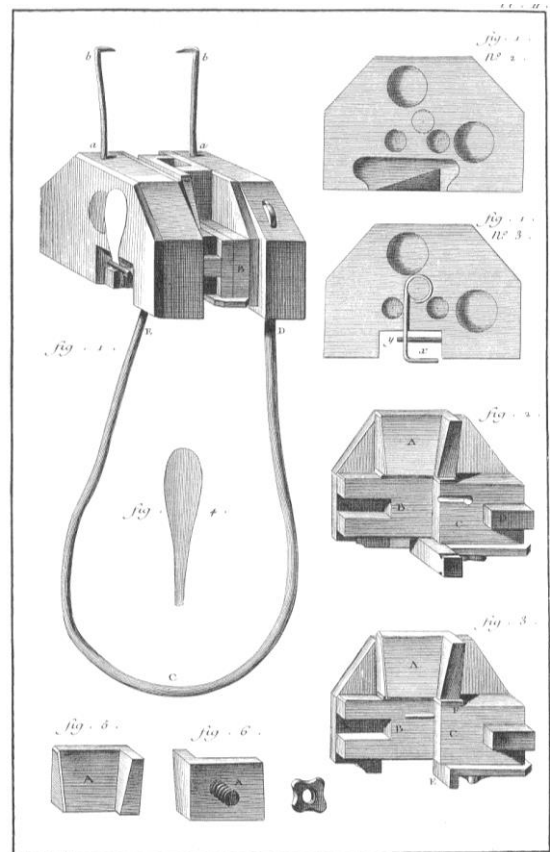


Figura 5 – Área de composição tipográfica (fonte: *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*).Figura 6 – Fundição de Tipos (fonte: *Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*).

Fonderie en Caracteres



Fonderie en Caracteres,

Autores que se dedicam à História do Livro, ou à Cultura Impressa tecem suas análises a partir do objeto livro, portanto tendem a ignorar os impressos efêmeros. Segundo Edna Cunha Lima é usual que a história da impressão seja demarcada pelo início da produção de livros ou jornais, objetos de maior prestígio, obscurecendo o fato de que as tipografias operavam na produção de efêmeros para o comércio, a administração pública ou mesmo as cartas de jogar.

Tradicionalmente, mesmo que anterior, a impressão de material efêmero não costuma ser considerada como o início da imprensa nos países ocidentais que conta geralmente como data inaugural aquela que se refere ao primeiro livro. No entanto, outros materiais próprios para comunicação visual já estavam sendo duplicados mecanicamente sem alarde, para uso no cotidiano. As cartas de jogar, por exemplo, têm uma longa história, de origem humilde, no campo da diversão e do lazer. (LIMA, 2000:1)

Segundo Hallewell (2005:129), em 1820, o Padre Joaquim Viegas de Menezes, que foi estudante na Tipografia do Arco do cego, associado a um sapateiro – Manuel José Barboza Pimenta e Sal – construiu uma oficina tipográfica completa, que, como a de Madureira ficou pronta em 1821. A Tipografia Patriota de Barbosa e Cia, foi reconhecida por sua excelente técnica e imprimiu apenas jornais.

Portanto, assim como foi possível para Pimenta e Sal, é absolutamente plausível que Madureira tenha construído sua prensa, fundido tipos e realizado impressões a partir do conhecimento adquirido nos Manuais e Enciclopédias. É de se esperar, também que tenha obtido resultados sofríveis, já que não tinha experiência e não contou com nenhuma orientação.

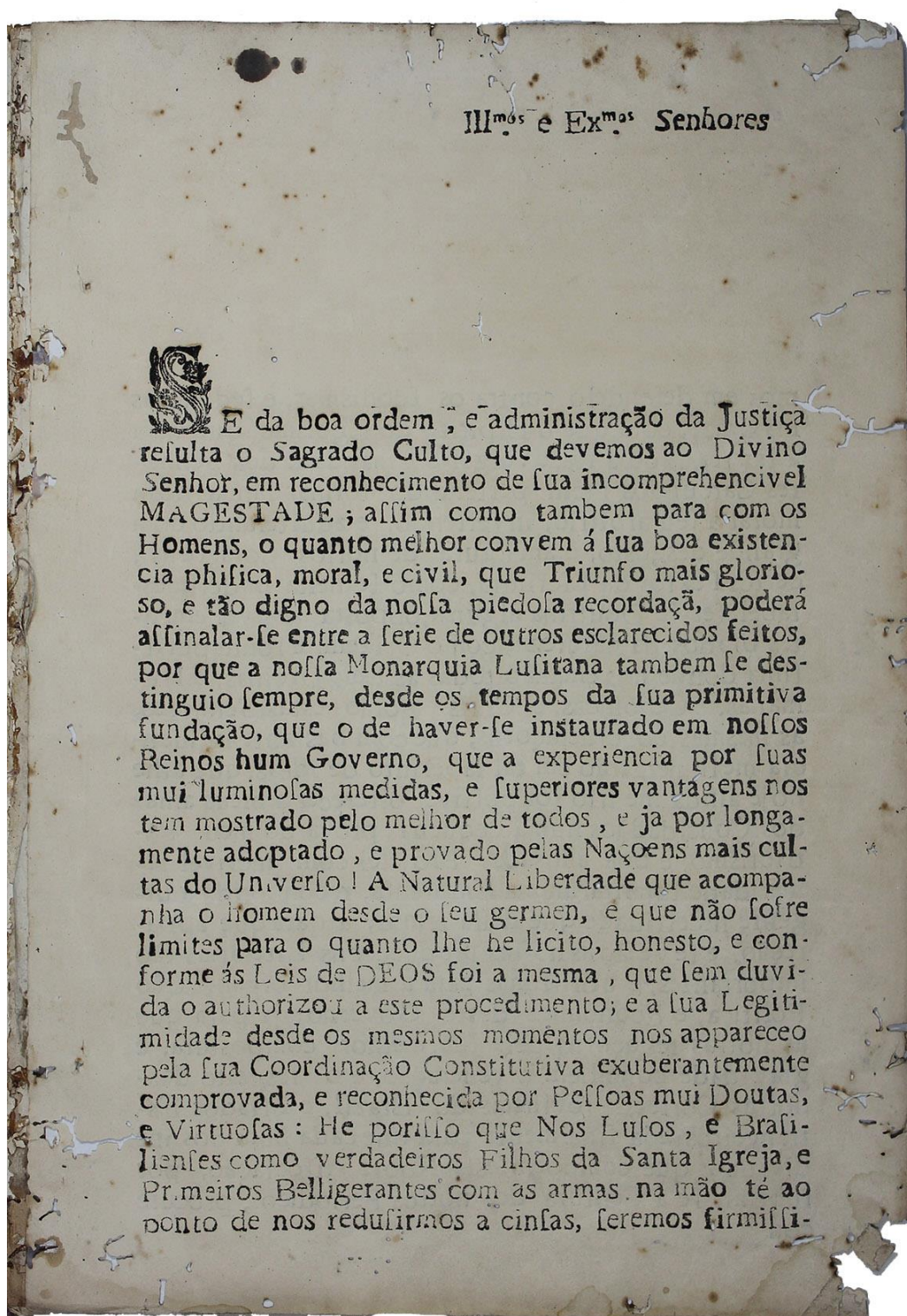
4 O requerimento de Madureira

Uma tipografia para se sustentar realiza trabalhos de diversas naturezas, que não apenas jornais e livros. Tradicionalmente estudos da área, mais ligados à história do livro, ignoram a produção de impressos efêmeros. Para que fosse possível afirmar que Madureira realmente colocou a tipografia para funcionar era preciso que se encontrasse um exemplar produzido na mesma. Apesar de tantas referências a busca exigiu determinação da pesquisadora. O requerimento apresentado por Madureira foi encontrado na Coleção Manuel Barata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Constitui-se de um folio impresso frente e verso dobrado ao meio resultando em quatro páginas. O tipo utilizado é bastante irregular, tanto em seu desenho e espaçamento, como na forma que se assenta sobre a linha de base, o que nos leva a concluir que realmente foram cunhados e fundidos localmente por profissionais não habilitados na arte tipográfica. Apesar de não ter sido realizada até o presente momento uma análise mais detalhada das fontes tipográficas utilizadas, nota-se rapidamente a presença de caracteres diferentes para o mesmo glifo, isto é, vários modelos de letras “e” minúsculas, ou “a” minúsculas por exemplo. Todo o documento é composto em apenas um corpo de letra, aproximadamente corpo 16. O requerimento apresenta uma capitular decorada, “S”, em documento anexo percebe-se a presença de uma capitular “Q” porém esta acompanha o estilo do texto. Ao fim de ambos os documentos, lê-se a assinatura “João Francisco de Madureira em fonte aparentemente itálica. A impressão também não é uniforme, apresentando áreas mais entintadas e áreas falhadas.

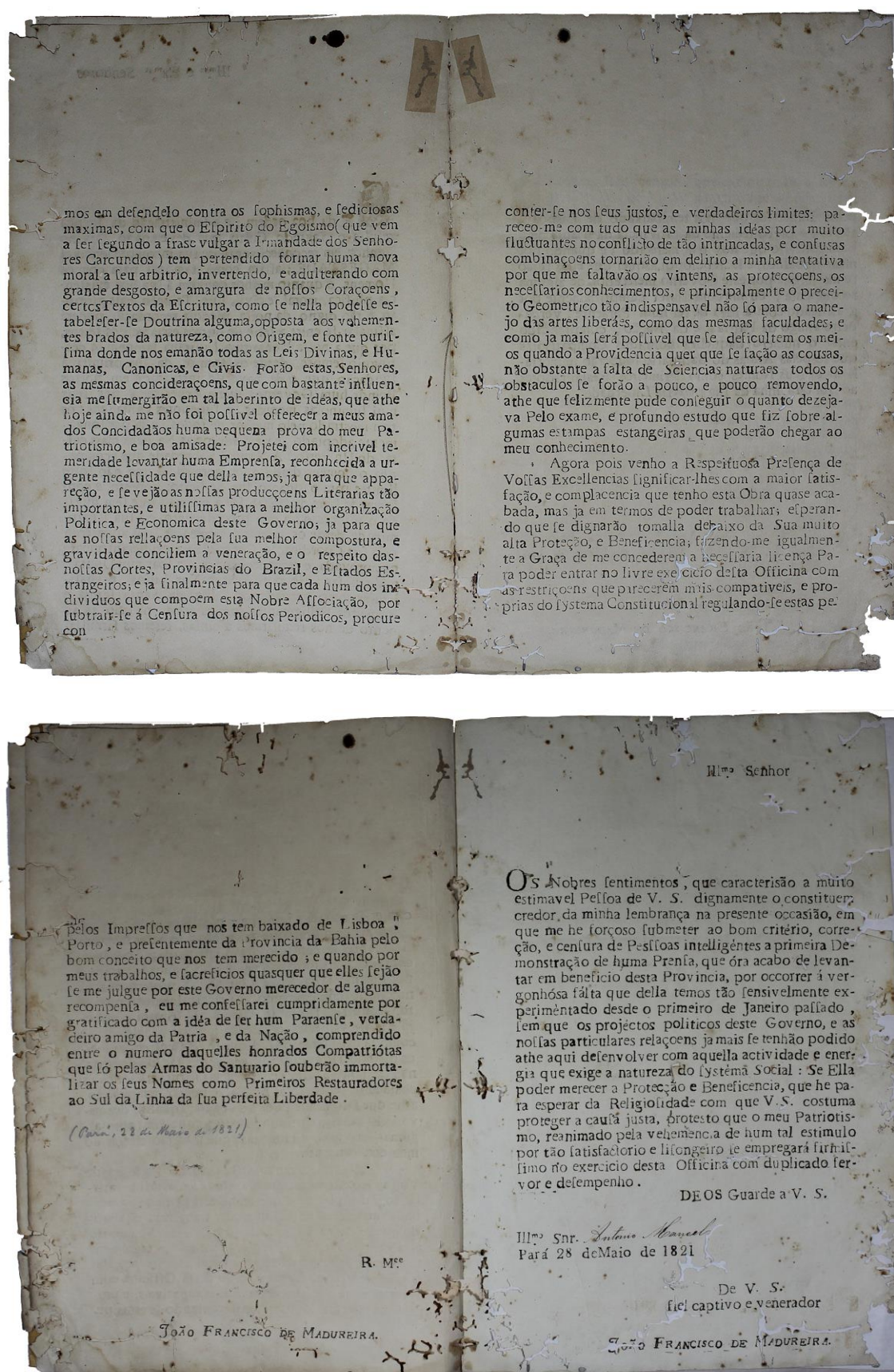
De toda forma, o requerimento é prova incontestável da operação da empresa de João Francisco Madureira, portanto a primeira tipografia a entrar em operação na Província do Grão Pará e na Amazônia.

Figura 7 – Capa do requerimento apresentado por Madureira



Fonte: IHGB

Figura 8 – Páginas internas do requerimento de Madureira (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro))



5 Considerações finais

João Francisco Madureira, apresentou à Junta Governativa, em 28 de maio de 1821, um requerimento impresso em uma tipografia local, que ele mesmo havia construído a partir de referências em livros. Este fato apresentado pelo mesmo, e citado por narradores da época, permaneceu ignorado pelos autores sobre o tema, referências importantes como por exemplo Rizzini (1945) ou Hallewel (2005).

Seja por desconsiderar impressos efêmeros como marcos da cultura impressa, seja por não ter acesso ao documento original, este autores apenas reproduziam informações anteriores. Entretanto não se pode ignorar sua existência como prova do funcionamento a tipografia. Seguramente Madureira, que trabalhou um par de anos para entregar aquele impresso, merece o crédito uma vez que as oficinas pioneiras, a do Maranhão e a segunda do Pará, citadas pelos pesquisadores da área, foram trazidas completas de Lisboa, tanto no que tange aos equipamentos quanto aos profissionais para opera-las.

É importante destacar a relevância de uma tipografia para a época, razão pela qual foi julgado tema a ser incluído na obra histórica de Antonio Ladislao Baena, militar e historiador que, em 1838, publicou em Belém o *Compêndio das Eras da Província do Pará*. É igualmente curioso o fato deste autor demonstrar a posse de variada informação, como a origem e os valores que Madureira tomou emprestado, em contrapartida à ausência de qualquer documentação sobre a imprensa de Madureira nos Arquivos Públicos, seja o do Pará ou o nacional, no Rio de Janeiro, ambos pesquisados.

Desta forma, a partir dos documentos apresentados é possível afirmar que a tipografia de João Francisco Madureira, contando com prensa e fundição de tipos, foi a primeira oficina a fundir tipos e produzir impressos na Amazônia. E a província do Gram-Pará a quarta a possuir uma tipografia operando no país.

Agradecimento

Este artigo é parte de pesquisa de doutorado “Impresso no Pará: 1820-1910 – memória gráfica como composição do espírito de época” apoiada pela FAPERJ.

Referências

- BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. 1938. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Typographia Santos & Santos Menor.
- _____. 1969. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará.
- DIDEROT, Denis, d'ALEMBERT, Jean le Rond. 1751 — 1772. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Disponível em: <http://encyclopédie.eu/index.php>. Acesso em 11/07/2016
- EISENSTEIN, Elizabeth L. 2009. *The Printing Press as an Agent of Change: Communications and Cultural Transformations in Early-modern Europe* Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1998. *A Revolução da Cultura Impressa - os Primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora Ática.
- FARIAS, Priscila L. 2014. On graphic memory as a strategy for design history. In: Helena Barbosa e Anna Calvera (Ed.) *Tradition, transition, trajectories: major or minor influences?* Proceedings of the 9th International Committee for Design History and Design Studies]. Aveiro: UA Editora.
- FRIAS, J.M.C. de. [1866] 2001. *Memória sobre a tipografia maranhense*. São Paulo: Editora Siciliano.
- HALLEWELL, Laurence. 2005. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. 1908. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenario da Imprensa Periodica no Brazil, promovida pelo mesmo Instituto. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- LIMA, Edna Lucia Cunha. 2000. *F.H. Carls, M.Dreschler, L.Krauss e C. Frese, alemães a serviço da litografia comercial em Recife* in *Estudos em design*, v.2, p 839-847. Novo Hamburgo.
- LIMA, Edna Lucia Cunha; FERNANDES, L. P. 2007. Inovações tecnológicas e o estabelecimento da indústria gráfica brasileira no século XIX. In: *Anais do III Congresso Internacional de Design de Informação*. Curitiba: SBDI.
- LIMA, Edna. Lúcia Cunha. 2003. *Uma loira forasteira: a cerveja alemã torna-se brasileira*. In: Weyrauch, C. S.; Cunha Lima, G.; Hérís, A. (Org.). *Forasteiros construtores da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Tempo.
- _____. 1998. *Cinco décadas de litografia comercial no Recife: Por uma história das marcas de cigarros registradas em Pernambuco, 1875-1924*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes.
- MADUREIRA, João Francisco. 1822. *Despotismo desmascarado ou a verdade denodada*, Lisboa: Typografia de Desiderio Marques Leão Acesso em 17/02/2012.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. 2012. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- MOLINA, Matías M. 2015. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RAYOL, Domingos Antonio. 1865. *Motins Políticos, ou historia dos principaes acontecimentos políticos da história da Província do Pará; desde o anno de 1821 até 1835*. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico.
- RIZZINI, Carlos. 1945. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil. 1500-1822*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora.
- _____. 1977. *O jornalismo antes da Tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. 1966. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Fernanda de Oliveira Martins, Doutora, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ESDI. fernandaforminform@gmail.com,

Edna Cunha Lima, Doutora, PUC-RIO, Brasil - ednacunhalima@gmail.com,

Guilherme Cunha Lima, PHD, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ESDI, Brasil. gecunhalima@gmail.com